

TORNAR-SE ANALISTA

*Lavinia Carvalho Brito Neves**

RESUMO:

O artigo aborda a especificidade da formação do psicanalista, seus impasses e vicissitudes como parte do processo de análise pessoal e da passagem de analisante a analista. O fim da análise como possibilidade de encarnação do objeto a, causa de desejo, tendo em seu horizonte o desejo do analista como suporte. E o real da experiência psicanalítica, apontando para uma formação infinita e permanente.

PALAVRAS-CHAVE: Formação do psicanalista. Final de análise. Desejo do analista

* Psicanalista, Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela UERJ, professora do Centro Universitário Barra Mansa e do curso de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Severino Sombra.

Por mais que existam diferenças e discordâncias no que diz respeito à formação do psicanalista, a análise pessoal constitui uma unanimidade. Tal colocação desperta o interesse porque à primeira vista poderia se pensar que é na prática que se dá o essencial da formação do analista, enquanto a ênfase é colocada justamente na posição de analisando. Nesse sentido, é interessante evocar uma história contada pelo próprio Freud em *A questão da análise leiga* acerca de uma pessoa que ao candidatar-se a uma vaga de ama de crianças foi perguntada se sabia cuidar de bebês, ao que ela respondeu: “Naturalmente, afinal de contas, eu própria já fui bebê” (Freud, 1926, p. 188). Tal história poderia ser vista com graça por qualquer pessoa, mas aqui assume uma conotação bastante séria, uma vez que ela tange uma condição indispensável ou mesmo a mais importante da formação do analista: a análise pessoal. Freud (1926) é claro ao dizer que a experiência da análise imprime ao analista uma agudeza em ouvir o que está inconsciente e recalcado e proporciona a ele receber o material analítico sem preconceitos. No mesmo texto, em que defende a prática de analistas não-médicos, ele desloca a questão da formação do plano acadêmico e ressalta a importância da análise na formação do psicanalista dizendo que:

é somente no curso dessa auto-análise (como é confusamente denominada) quando eles realmente têm a experiência de que sua própria pessoa é afetada- ou, antes, sua própria mente- pelos processos afirmados pela análise, que adquirem as convicções pelas quais são posteriormente orientados como analistas. (Freud, 1926, p. 194).

Anos antes, em sua coleção de artigos dedicados à técnica da Psicanálise, escritos entre os anos de 1911 e 1915, Freud dedica diversos textos à questão da transferência e ainda em 1939, em um dos seus últimos escritos, continua a problematizá-la ao mencionar que “o que se aprende na transferência não se esquece” (Freud, 1939). Daí depreendemos que ocorre um aprendizado no próprio âmbito do dispositivo analítico – entendendo dispositivo analítico como um lugar estrutural em que um analista estabelece um modo inteiramente peculiar de conduzir o trabalho com o analisante. Nesse sentido, é importante observar que tal “aprendizado” é da ordem da elaboração, que em nada tem a ver com uma reflexão intelectual. Trata-se de um trabalho pulsional que opera uma mudança do ponto de vista econômico no aparelho psíquico.

A psicanálise, talvez, seja a única prática em que é exigido do praticante que ele tenha experimentado “o outro lado”. Na verdade, quando dizemos exigência, estamos nos

referindo a algo da ordem de uma imposição natural que se coloca para todo aquele que é atravessado pela experiência do inconsciente e não uma exigência formal. Qualquer exigência nesse sentido aponta para uma concepção de formação do analista baseada num funcionamento burocrático, iniciacionista e tecnicista, onde o rigor é degradado em rigidez. A própria prática impõe ao psicanalista que ele tenha estado no lugar de analisante.

Todavia, é importante ressaltar que não se trata de estabelecer uma empatia com seus futuros pacientes, ou seja, de obter um status de “curador ferido”, em que a tônica do “eu sei o que você está passando” elevaria a identificação a um nível exacerbado. Tampouco diz respeito a uma ideia deformada e amplamente difundida pelo senso comum de que o psicanalista deve ter feito análise para se “livrar” dos próprios problemas e só então estar apto a praticar a psicanálise e “ajudar” nos problemas dos outros. Tal concepção ingênua concebe a psicanálise como uma espécie de vacina e desconsidera totalmente a função do analista, uma vez que o mantém no lugar de sujeito, impedindo que ele desempenhe a função de causar o desejo a partir de uma operação feita do lugar de objeto, função que lhe é própria. Tudo isso está calcado numa ideia psicologizante da psicanálise, onde o que está em cena são os pensamentos e sentimentos conscientes do analista.

Aqui cabe uma digressão, pois a psicanálise tomada como referencial pretende justamente ir mais além do nível consciente dos processos mentais e investigar as motivações e desejos inconscientes que estão por trás do plano meramente comportamental ou mesmo racional. A grande descoberta da psicanálise e também o maior choque promovido por ela foi operar uma terceira ferida narcísica na humanidade¹, segundo a qual o homem não é regido pela razão, mas pelo inconsciente, que o determina sem que ele saiba porquê. O inconsciente, embora tenha sido banalizado pelo senso comum como aquilo que está nas “profundezas” da mente, foi desmistificado sobretudo a partir do ensino de Lacan e sua ênfase na articulação do inconsciente com o significante. Na verdade, em seu seminário XXII, no ano de 1974, quando trabalhou RSI², Lacan diz que retirou da obra de Freud os elementos para formular os três registros – real, simbólico e imaginário. De acordo com Jorge (2000), é possível dizer que os três registros estavam presentes na obra de Freud, mas não estavam nomeados, cabendo a Lacan fazer isso. Assim, durante um período de sua produção, Freud aborda enfaticamente a

¹ Freud fala das três feridas narcísicas da humanidade. A primeira ferida foi causada por Galileu Galilei, ao formular sua teoria heliocentrista e deslocar o homem como centro do universo; a segunda ferida narcísica foi causada por Charles Darwin com a teoria da Evolução, a qual defendia que o homem descendia do macaco e não de Deus e a terceira ferida narcísica foi causada pelo próprio Freud e a formulação do inconsciente, o qual rompe com a ideia de homem racional, senhor de seus atos.

² Inédito no Brasil.

influência do inconsciente como corriqueira, fazendo parte da vida das pessoas. Isso fica patente se considerarmos obras como *A interpretação dos sonhos* (1900), *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901), *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905) e *A significação antitética das palavras primitivas* (1910), todas do início do século XX, onde é possível reconhecer claramente a tese de Lacan do “inconsciente estruturado como uma linguagem”. Se Freud deixa isso indicado, Lacan é bastante eloquente ao afirmar que o inconsciente não está nas profundezas, mas sim na superfície, na linguagem. O inconsciente não está lá longe, está esperando pelo trabalho de análise, pois é somente por meio do acionamento pela palavra que um significante, articulado a outro, é passível de produzir significação.

Toda esta digressão tem como objetivo enfatizar que a formação do analista, e mais especificamente a análise com sua dimensão essencial, não fazem parte de algo que possa ser ensinado, no sentido acadêmico do termo. Da mesma forma, a análise, como condição *sine qua non* para se tornar analista, não deve ser entendida como uma mera obrigação burocrática, mas como algo da ordem de uma exigência ética própria a tudo que diz respeito ao desejo em psicanálise.

Se dizemos com Lacan que é somente na análise que se produz um analista, é porque somente no âmbito da experiência analítica que o sujeito, o analisante, vai passar pelas operações que darão a ele a condição de possibilidade de ocupar o lugar de analista e sustentar-se nessa posição.

O fim da análise implica que o analisante tenha se deslocado do lugar de sujeito, a partir do qual ele falava, para se prestar à função de objeto causa de desejo para outro que ele se dispõe então a ouvir. Tal posicionamento não diz respeito a algo da esfera do querer, não faz parte do âmbito da escolha, o que novamente evocaria um referencial consciente. Daí a importância de se fazer uma diferenciação precisa entre “desejo de ser analista” e “desejo do analista”. O desejo de ser analista é como qualquer outro desejo ligado ao fantasma. Isso quer dizer que ele entra como mais um na série de deslizamentos que o sujeito opera, passando de objeto a objeto ao longo da vida. Nesse sentido, é possível dizer que ele se apresenta através da demanda do sujeito: “quero ser analista”. O desejo do analista, por sua vez, diz respeito a uma categoria operacional, ou seja, é aquilo que Lacan definiu como o que sustenta o analista em seu lugar e do qual falaremos mais detalhadamente adiante. É possível dizer que a passagem de analisante a analista não se situa no domínio da escolha consciente porque ela consiste no resultado, numa consequência de um processo de análise levado a termo, daí Lacan dizer que todo final de análise produz um analista, quer ele venha

ou não a ser praticante da psicanálise. Mas paradoxalmente isso comporta uma dimensão de escolha no sentido do consentimento dado pelo sujeito àquilo que o determina desde um ponto mais além de seu controle e poder de deliberação conscientes.

A análise pessoal constitui, junto com o estudo teórico e a supervisão, os três elementos do chamado tripé da formação do analista. O estabelecimento de um protocolo de formação do analista pela IPA teve como causa precipitante o diagnóstico de câncer recebido por Freud, o qual não imaginava, assim como seus seguidores, que ele viveria ainda muitos anos produtivos. No entanto, após sua morte, algumas sociedades de Psicanálise passaram a apresentar uma forma de organização que fez com que se fechassem em si mesmas e passassem a funcionar segundo um mecanismo burocrático que favorecia o prestígio e o dogmatismo, inclusive no que diz respeito a análise pessoal do analista, chamada “análise didática”.

Tal modelo de formação do analista recebeu uma série de críticas, mas Lacan se destaca dos críticos anteriores por propor novas ideias acerca do problema da formação do analista. Didier-Weill (2006) aponta três textos que, segundo ele, marcam a evolução da posição de Lacan em relação a esta questão. O primeiro deles é *Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956*, momento em que Lacan expressa de maneira mordaz suas críticas em relação ao funcionamento da formação. O segundo texto, referente à fundação da Escola Francesa de Psicanálise é o *Ato de fundação de 21 de junho de 1964*, escrito oito anos mais tarde. Tal texto reflete um outro cenário, no qual Lacan, já expulso da Sociedade Francesa de Psicanálise tenta alicerçar sua própria Escola. E, finalmente, a célebre *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, onde é introduzida não só uma noção chave do ensino de Lacan segundo a qual “o psicanalista só se autoriza por si mesmo”, mas também a proposição do passe. Na realidade, é importante observar que existem duas versões da Proposição, sendo que uma delas enfatiza a proposta do passe e introduz uma alteração no aforisma de Lacan transformando-o em “o analista só se autoriza por si mesmo e por alguns outros”³.

Vamos aqui nos deter no terceiro texto mencionado, onde Lacan revoluciona a concepção de formação, até então baseada no clássico tripé análise pessoal, estudo da teoria e supervisão, para formalizá-lo segundo outra lógica que introduz a *raccord* Psicanálise em

³ Embora o passe tenha sido formulado na *Proposição*, esta frase de Lacan foi proferida no Seminário livro 21 *Les non dupes errent*, de 1974.

intensão – que não se refere senão à análise didática – e Psicanálise em extensão – a qual trata de presentificar a Psicanálise no mundo (Lacan, 1967).

É importante ressaltar que para alguns autores, como Marco Antonio Coutinho Jorge (2006), Lacan de modo algum rompeu com a tradição clássica no que diz respeito ao tripé da formação, mas introduziu um questionamento radical em cada um de seus elementos. Uma primeira problematização feita por Lacan pode ser observada quando ele declara nunca ter falado em formação do analista e sim em formações do inconsciente, enquanto passa a falar em seus seminários que seu ensino visa produzir efeitos de formação. Ao dizer que nunca falou em formação do psicanalista e sim em formações do inconsciente, Lacan parece reafirmar a única via pela qual um analisante torna-se analista, ou seja, sua análise pessoal. E o material da análise é constituído de sonhos, chistes, atos falhos, ou seja, derivados do recalcado aos quais Freud chamou de formações do inconsciente.

No que diz respeito aos três elementos do tripé, de uma maneira geral, é possível dizer que a principal modificação introduzida por Lacan foi devolver ao domínio da escolha o que havia passado para o domínio da obrigação com a formação instituída pela IPA. A análise pessoal, considerada o aspecto mais importante da formação, encontrou na proposição do passe uma relativização da afirmação segundo a qual o analista só se autoriza por si mesmo (Quinet, 2000).

Num primeiro momento a afirmação segundo a qual “o analista só se autoriza por si mesmo”, sugere que ninguém, a não ser o próprio analista, pode dizer se ele é ou não passível de ocupar esta função, ou seja, ninguém pode autorizá-lo a não ser ele mesmo. Mas ao mesmo tempo não se trata da “própria pessoa” autorizar-se, pois não é algo que se passa ao nível do eu e dizer “pessoa” remete diretamente a uma referência egóica.

O analista se autorizar por si mesmo poderia trazer grande conforto àqueles que pretendem “ser analistas”, uma vez que são eles mesmos quem decidem quando o são, não dependendo de nenhum aval, certificado, diploma ou coisa parecida. No entanto, para aqueles que pretendem trilhar o caminho deixado por Freud e seguir o ensino de Lacan, o comprometimento com a ética da Psicanálise impõe uma árdua tarefa. Nesse sentido, é justamente essa “liberdade” para se autorizar que pode constituir um ponto de impasse no percurso de quem se propõe a isso. Assumir este ato é muito mais difícil do que frequentar um curso de formação, cumprir todos os requisitos necessários e sair formado. Isso sim dá tranquilidade a alguém cuja implicação não esteja em primeiro lugar, pois é no mínimo de se estranhar que possa haver um psicanalista formado, no sentido em que encontramos no

dicionário. O formar do dicionário refere-se a facilitar a formatura, estabelecer, fixar, determinar. E mais: amoldar, educar, instruir, amestrar, entre outras acepções do termo que denotam algo pronto, terminado, aprendido a partir de técnicas e procedimentos. Se existe algo que constitui outra peculiaridade da Psicanálise é o fato de que nenhuma técnica pode ser ensinada como garantia. É a partir de sua prática e de seu desejo que alguém pode se autorizar.

Por outro lado, existem autores que consideram as inovações feitas na formação do analista por Lacan uma verdadeira ruptura com o tripé clássico análise pessoal, ensino teórico e supervisão. A invenção de uma outra lógica – Psicanálise em intensão e Psicanálise em extensão – coloca a formação em um outro patamar em que não vigora uma divisão entre três pólos distintos. Ao contrário, trata-se de uma relação moebiana⁴, ou seja, uma continua na outra sem, no entanto, reduzir-se à outra. Elia observa que Lacan parte da palavra extensão, e fazendo uso do termo “tensão”, produz um neologismo: intensão (Elia, 2001). Assim, a Psicanálise em intensão é o momento de adjunção entre as duas que faz tender o discurso psicanalítico para dentro e a Psicanálise em extensão é o outro momento de adjunção que faz o discurso analítico tender para fora. É importante ainda observar que não se trata de uma oposição, ambas são regidas pela mesma lógica, pelas mesmas categorias conceituais que regem o discurso analítico.

Na verdade, mesmo se considerando a análise pessoal, o estudo da teoria e a supervisão, não existe aí uma distinção nítida. Cada um destes aspectos interfere e se articula com os outros, denotando a continuidade proposta por Lacan ao cunhar o que ele chamou de Psicanálise em intensão e Psicanálise em extensão. A formação do analista é o que melhor articula esta continuidade, uma vez que há a análise pessoal ou didática na esfera da Psicanálise em intensão e a proposta de comunicar o que foi esta análise à Escola através do passe, na esfera da Psicanálise em extensão. Além disso, a formação do analista articula o que Lacan formulou no Ato de fundação como Psicanálise pura e Psicanálise aplicada. Isto quer dizer que ela articula a Psicanálise enquanto didática, ou seja, enquanto forma de preparar novos operadores, com a Psicanálise enquanto clínica, pois o analisando está aí na posição de candidato a analista sem deixar de ser paciente.

⁴ Referência à Banda de Moebius, figura geométrica tridimensional, obtida com meia torção dada a uma tira de papel, por exemplo, para depois se tomar as duas extremidades e juntá-las. Fazendo isso é possível percorrer os dois lados da banda ininterruptamente. Ficou conhecida como Banda de Moebius em homenagem ao matemático que criou a fórmula para representá-la e estudou suas propriedades singulares. Ficaria restrita ao campo da Matemática se Lacan não a tivesse trazido para a Psicanálise, ganhando destaque como representação de nossa psiquê.

É interessante pensarmos como a formação do analista possui peculiaridades, uma vez que não existe primeiro a formação e depois a prática, ou seja, as duas coisas ocorrem ao mesmo tempo. No que diz respeito à passagem de analisante a analista, o conceito de *a posteriori* introduzido por Freud aparece com grande força, quando consideramos a formação, ou como preferimos chamar, o tornar-se analista. Optamos por “tornar-se” pela impossibilidade de precisar um final da formação, de forma que o analista está se tornando analista todos os dias, a cada momento em que ouve um analisante, desde quando se autorizou, ou melhor, desde quando, no só depois, percebeu que havia se autorizado.

Referências

DIDIER-WEILL, A. “A questão da formação do psicanalista para Lacan”. In: _____. *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

ELIA, L. (2001). *A relação analista-Escola como exigência de uma estrutura* (Trabalho do Laço Analítico Escola de Psicanálise para as jornadas Psicanalíticas de Convergência em Florianópolis, em maio de 2001, organizada pela Maiêutica Florianópolis – Instituição Psicanalítica, reunindo associações brasileiras de psicanálise integrantes de Convergência Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana).

FREUD, S. (1926). “A questão da análise leiga”. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XX.

_____. (1939). “Esboço de Psicanálise”. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXIII.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, vol. I.

_____. “Jacques Lacan e a estrutura da formação psicanalítica”. In: JORGE, M A. C. (Org.). *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

LACAN, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BECOME ANALYST

ABSTRACT:

The article discuss the specificity of formation of the psychoanalyst, the deadlocks and events as part of the process of personal analysis and the passage of the analysand to analyst. The end of the analysis as a possibility of encarnation the object *a*, cause of desire, having on the horizon the desire of the psychoanalyst as support. And the actual psychoanalytic experience pointing to an infinite and permanent formation.

KEYWORDS: Formation of the psychoanalyst. End of analysis. Desire of the psychoanalyst.

DEVENIR ANALYSTE

RÉSUMÉ:

L'article aborde le parcours de la formation de l'analyste, ses impasses et ses vicissitudes dans leur rapport à l'analyse personnelle et du passage de l'analysant à l'analyste. Le fin de l'analyse comme possibilité de l'encarnation de l'objet *a* cause du désir ayant dans son horizon le désir du psychanalyste comme support. Et le réel de l'expérience analytique, impliquant une formation infinie et permanente

MOTS-CLÉS: Formation de l'analyste. Fin de l'analyse. Désir du psychanalyste.

Recebido em: 23/04/2012

Aprovado em: 07/05/2012

©2012 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista